
PHOEBUS
Gina
OLLOBRIGIDA

Reaparece o «ÁLBUM DOS ARTISTAS»

Publicou a Agência Portuguesa de Revistas, há um ano, o 1.º volume do «Álbum dos Artistas», prometendo, com a saída do último fascículo, a reaparição desta colecção, que tanto êxito obteve em todo o país.

Aqui estamos, cumprindo gostosamente esse dever que contraímos perante o público cinéfilo que segue atentamente as nossas edições «Plateia» e «Colecção Cinema».

«Álbum dos Artistas» apresenta-se, desta vez, com outro formato, capa a cores envernizada e um maior cuidado gráfico na apresentação de cada fascículo; por outro lado, a biografia de cada artista obedece a um trabalho literário baseado em exaustivas pesquisas pacientemente levadas a cabo pelos nossos redactores, com a colaboração da imprensa dos principais países, estúdios cinematográficos e, por vezes, por próprios artistas que, simpàticamente, anuem aos nossos inquéritos. Trata-se, enfim, de uma arrojada iniciativa da Agência Portuguesa de Revistas, que coloca assim ao dispor do grande público, por um preço insignificante, as biografias completas e ilustradas dos grandes ídolos do cinema de todo o mundo.

Aqui encontrará o leitor, sob uma forma literária simples e acessível, a vida particular, sentimental e cinematográfica dos seus artistas preferidos, contada desde os anónimos primeiros passos na vida, até à actualidade.

A vida dos grandes ídolos do público, encarada no seu conjunto, surge desta forma como que o desbobinar de um grande filme, real e apaixonante, que nos obrigará a momentos de comoção e a outros de surpresa e riso...

ÁLBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 1.º)

Edição de Aguiar & Dias, Ltd.ª — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/668684 — LISBOA (Portugal). Composto e impresso nas Oficinas Gráficas de BERTRAND (Irmãos), Ltd.ª, Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.



GINA LOLLOBRIGIDA

A RAPARIGA ENDIABRADA A QUEM O PAI PROÍBIU DE IR AO CINEMA...



MONTANHAS da Ciociaria, Povoado de Subiaco, distante setenta quilómetros de Roma, a Cidade Eterna, capital de Itália.

A 4 de Julho de 1928, em Subiaco, nascia a segunda filha do matrimónio Lollobrigida: Gina. A primeira tinha sido Juliana. Nos anos seguintes nasceram Maria e Fernanda.

Gina tinha uns belos olhos negros, um nariz perfeito e uns lábios bem desenhados. Na sua infância destacavam-se, sobretudo, aqueles olhos negros, grandes e vivos. Dezasseis anos nas montanhas da Ciociaria cheios de sol e de vitalidade para Gina. Vida simples e familiar: seu pai tinha uma carpintaria, enquanto a mãe permanecia, quase sempre, ocupada pelos trabalhos caseiros. Gina e as suas três irmãs passavam os dias no colégio.

O colégio era para Gina uma coisa acidental, sem grande transcendência nem interesse; com frequência abandonava as aulas para ir com os rapazes para a montanha perseguir animaizinhos, e vê-los morrer.

A tentação de Gina, aos sete anos, era Ferrucio, um rapazinho moreno e sardento de nove anos, com o cabelo emaranhado e grandes ares de chefe. Era um diabinho, mas Gina admirava-o. Ali, no cruzamento da estrada principal com o atalho que conduzia à escola, esperava-a Ferrucio, com as mãos nos bolsos, apoiado a uma árvore. Sorria-lhe já de longe.

— Olá, Gina. Queres vir comigo? Vamos caçar borboletas e subiremos às árvores para apanhar ninhos.

Gina não recusava; o rosto iluminava-se num sorriso malicioso, e, confiada, dava a mão a Ferrucio.

— Para o diabo a escola! — exclamava Ferrucio, saltando ao compasso marcado pelos pés pequeninos da menina. E ela ria, divertida, sem voltar a pensar que ao chegar a casa seu pai lhe ralharia.

De repente, começaram a assistir todos os dias às aulas, e ninguém, a princípio, compreendeu porque seria que os pequenos tinham mudado de hábitos. Mais tarde, quando ao sair da escola, branca e pequena, observaram que o par ia a dançar com entusiasmo a dança da Branca de Neve e os Sete Anões, que estavam a aprender para a festa de fim de curso, compreenderam que Gina e Ferrucio eram felizes a dançar, e para ninguém foi segredo a mudança dos garotos. Gina tinha dito, numa manhã de Primavera, para Ferrucio:

— Eu adoro música. Amanhã não irei caçar borboletas porque tenho aula de canto. Eu não gosto de estudar alemão nem qualquer outra coisa. Só quero ir às aulas de canto e ginástica. E tu?

Ferrucio levantou a cabeça e ficou um momento pensativo, mostrando os olhos negros e brilhantes.

— Eu gosto do mesmo que tu, Gina. Tu és a minha noiva — respondia, muito sério. — Se tu tens ódio ao alemão, eu também.

Depois, continuaram a sua tarefa,



Com o seu famoso penteado «à Lollo».

procurando entre as flores animaizinhos para torturar.

★

Na aula de canto, Gina sentia-se transportada a um mundo diferente.

— Pequena — dizia o professor, um homenzinho de olhos claros e cabelos loiros que lhe caíam para a testa — tens uma voz linda. Vamos... Agora cantarás «A Casta Diva».

Gina enfurecia-se e perguntava, decepcionada:

— Outra vez, professor? Canto sempre a mesma coisa todas as semanas...

— Depois cantarás o romance da «Força do Destino» — dizia, condescendente, o professor, disposto a deixar os dedos compridos e finos sobre as teclas do piano.

Gina fazia um gesto de resignação e começava a cantar com uma voz ainda bastante infantil. Era inútil discutir, de novo teria que cantar «La Casta Diva», e depois «Força do Destino», embora as cantasse todas as semanas. Gina era teimosa, mas também começava a sentir-se já uma pessoa crescida, e compreendia que neste caso não devia discutir. As discussões e a força persuasiva tinha que guardá-las para ocasiões mais importantes, e na sua cabeçita delineavam-se já, enquanto enchia o ar das montanhas da Ciociaria com «La Casta Diva», uns projectos que a ela lhe pareciam maravilhosos. Gina sonhava já com o cinema, e na sua imaginação traçava um futuro brilhante.

Seu pai notou-o, e temeu pela menina de carácter nervoso e decisivo. Viu que Gina falava de películas com um entusiasmo mal dissimulado.

— Pequena, não quero ouvir falar de filmes. És ainda muito nova. O cinema é um veneno. O que tens de fazer é não trazer esta quinzena más notas em alemão e matemática.

— Papá, o cinema é uma distracção... — desculpava-se Gina.

— Eu não te proibo que vás, mas quero que o faças com menos frequência, e só para veres os filmes de Shirley Temple.

Gina aquiescia, condescendente, e os seus grandes olhos tornavam-se submissos ao fazê-lo. Ao entardecer, quando saía da escola, Ferrucio já não a esperava: agora era Giovanni, um rapaz que tinha um emprego no cinema, como operador. Giovani tinha dezoito anos e uma simpatia entusiasta pela feiticeira Gina, que se tinha transformado numa encantadora mulherzinha.

Junto de Gina, Giovanni sentia-se diferente, disposto a satisfazer todos os caprichos que ela pudesse ter. Ela sabia-o, e tiranizava-o.

— Trouxe-te as fitas, Gina — disse Giovanni ao vê-la aparecer com a sua pasta dos livros.

Gina sorriu, satisfeita. Foram sentar-se numa grande pedra vermelha que estava junto do caminho. Gina abandonou os livros e procurou nos bolsos do rapaz o tão cobiçado tesouro.

— Trouxeste as de Clark Gable? — perguntou.

— Sim, mas só encontrei duas. Depois procurarei mais.

— E as de Ginger Rogers? — perguntava a menina.

— Também. Tinha-te prometido... já sabes! — respondia o atordoado rapaz sem poder sustentar o olhar de Gina.

— És um tonto, Giovanni.

E os olhos de Gina, ao dizer isto, tinham um encanto especial, cheio de malícia, que faziam avermelhar o rapaz. Depois, pegava nas fitas e ia-as



Uma foto dos tempos em que não era ainda mundialmente famosa.



desenrolando contra a luz: parecia muito entusiasmada na sua tarefa. Giovanni ia contemplando, em silêncio, e pegava na tesoura para cortar as películas por onde ela lhe dizia.

— Olha, Giovanni, é uma cena de amor. Clark Gable está a beijar a Jean Harlow, vês? Corta por aqui. É magnífico!

E o rapaz obedecia, submisso a tudo que Gina lhe ordenava.

— As cenas de baile também são importantes. Olha aqui... Isto sim!

Já o sol se tinha posto, e a lua fazia a sua aparição, uma esplêndida lua de Abril. Gina levantou-se, decidida.

— Vamos, Giovanni! Agora vamos passar estas cenas que eu cortei, queres?

— Claro que sim, Gina. Quero tudo que tu desejares. Mas não tens medo que o teu pai saiba? — perguntou Giovanni, inquieto.

— Não te preocupes, não sejas medroso. E demais, se ele souber é sobre mim que ele descarrega a bengala... — animou-o a divertida Gina.

★

E Gina não se enganou. No dia em que o senhor Lollobrigida conheceu a existência do cinema clandestino foi buscar sua filha, surpreendendo-a em pleno trabalho de projecção e saboreando um gelado de morango, enquanto os olhos permaneciam fixos naquele longo beijo de Clark Gable, seu ídolo de adolescente. Gina tentou fugir, mas o pai segurou-a a tempo. Levou-a para

casa quase voando, e ali o senhor Lollobrigida pegou na bengala e deixou-a cair repetidas vezes sobre Gina.

— Assim aprenderás! És incorrigível! E eu a julgar que ias ver filmes de Shirley Temple! Toma por me desobedeceres! Nunca mais irás! O cinema é um veneno! Acabou-se o cinema para ti!

A mãi interveio assustada:

— Deixa de lhe bater, ainda é uma creança.

—Um rapaz é que ela parece! — disse o senhor Lollobrigida, enxugando a testa com um lenço, e deixando-se cair numa cadeira, extenuado.

A mãi olhou para a filha e suspirou.

— Gina, és uma calamidade—disse —Gostas demasiado de liberdade. És feliz quando consegues o que queres e esqueces fàcilmente que já és uma mulher. Não sei o que vai ser de ti com esse caracter indómito e variado que tens.

Gina começou a chorar, mas os seus pais ignoraram que as lágrimas da menina não eram de dor, mas sim por sentir o orgulho ferido.

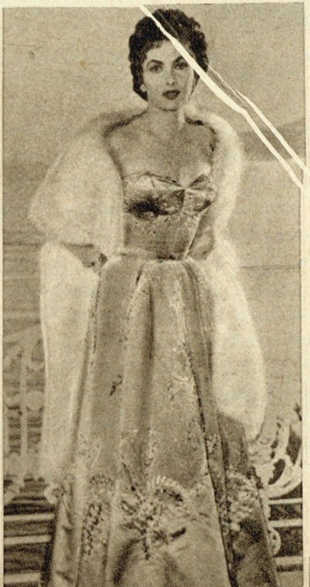
O pai continuou aborrecido:

— Quando eras ainda uma menina, gozavas em ver morrer os animaizitos, ver o seu sangue quente...

— Não, papá, gostava de ver morrer os seus olhos, como quando murcha uma flor.

— Agora, com treze anos, andas com esse Giovanni, namoras com ele pelo facto dele estar empregado num cinema. Oh, estas filhas!. Quando eu as verei casadas...!

Quando seu pai saiu do quarto, Gina ficou pensativa. Não chorava mas sentia o seu orgulho ferido. Sentiu, de repente, que tudo aquilo era intolerável, que seu pai não procurava compreender o que ela desejava, e que o pequeno povoado de Subiaco diminuia cada vez mais para os seus grandes projectos. Naquela noite esperou que todos estivessem deitados. Saiu da cama e começou a vaguear pelos cam-





Gina e seu marido, o Dr. Milko Skofic, têm mantido um casamento permanentemente feliz. Uma interminável lua-de-mel, cuja paisagem é o mundo inteiro...

pos de Subiaco, pensando nas outras cidades que tinha metidas na imaginação. Gina sabia que lá ao longe estava Roma; era preciso chegar até ali; tudo seria diferente na Grande Cidade iluminada. Toda a noite vagueou até se extinguir a luz da lua. A manhã surpreendeu-a sem sol e uma chuva miudinha começou a cair. A aventura de Gina só teve interesse durante vinte e quatro horas. Depois, generalizou-se numa pleuresia, e na volta a Subiaco, à carpintaria.

Seus pais não lhe ralharam nesta ocasião, mas desvelaram-se durante a sua enfermidade, e naquela abnegação e solicitude, Gina reconsiderou e compreendeu que os pais tinham sempre razão. O senhor Lollobrigida observou que quando Gina se encontrou completamente restabelecida, tinha crescido e tinha-se feito mais mulher; um comentário escapou-se-lhe entre dentes:

— Um bom marido é do que tu precisas. Um bom marido que te faça entrar na razão...

Isto passava-se em 1943. Gina tinha catorze anos e uma bonita voz que mais de uma vez tinha feito gala em mostrar aos soldados que faziam serviço em Subiaco. O pároco do povoado mais de uma vez a tinha repreendido por isso.

— Estou de acordo em que a tua voz é bonita, Gina. Na igreja gosto de escutar os teus cantos à virgem; mas já és uma senhorinha, e não está bem que cantes em público para os soldados que estão de serviço em Subiaco, compreendes?

Gina ria-se, e o pároco, decidido a atemorizá-la fosse de que maneira fosse, consultou o senhor Lollobrigida, que trabahava na sua carpintaria entre um monte de serras e vigas de madeira.

— Só do púlpito, meu padre, o poderá fazê-o. Gina ria-se de mim como se ri dos professores, até nem me admiraria que se risse também de si. Não atende a outras razões senão às dela, e, creia-me, eu já desisti de contrariá-la. É uma boa rapariga, mas tão teimosa como só ela o pode ser — disse o senhor Lollobrigida, derrotado.

— Muito bem! No domingo, do alto do púlpito, vai-me ouvir. Tens uma filha com o diabo no corpo. É o meu pesadelo desde os três anos. De menina partia os vidros e estragava os campos de trigo. Até a mim vinham mulheres com a cabeça cheia de cinza que ela lhes atirava. Numa manhã memorável, abriu todos os toneis da adega dum vizinho. Ralhei-lhe e impus-lhe umas penitências tremendas, e agora, quando já estou velho e me poderia deixar descansar, continua a ser o meu pesadelo, aos catorze anos!... Gina não tem consciência nem consideração. Tudo se lhe tem tolerado por ser tão simpática, mas isto já ultrapassa todos os limites. Eu sou o pároco de Subiaco, e, portanto, aqui mando, e não uma atrevida miúda. Vai ouvir-me!... — termnou o bom cura, apanhado com fúria as fraldas da sotaina, que se prendiam nas vigas douradas pelo sol que vinha da Praça Maior.

Quando o pároco atravessou a porta da carpintaria e cumprimentava com um «bons dias» duas velhitas que regressavam da igreja, ainda o senhor Lollobrigida repetia:

— Um bom marido é o que ela precisa; um bom marido que consiga que ela entre na razão...

No domingo, do alto do púlpito, na missa paroquial, a voz do sacerdote foi para Gina como a trompeta do juízo final. Gina esteve dois meses sem sair da carpintaria, atemorizada, sem assomar à janela para ver as florinhas selvagens que come-



çavam a cobrir as montanhas da Ciociaria. Ao acabar o dia 31 de Junho, e ao amanhecer um novo dia em Subiaco, Gina levantou a cabeça e saiu para a rua com o seu mais flamante vestido domingueiro, já um tanto pequeno. Desde que tivera a pleuresia, tinha-se feito mais mulher. Dirigiu-se para o jardim, cheio de uniformes militares, e com um sorriso agressivo e um ar de desafio nos grandes olhos negros, começou a cantar «A Casta Diva» a plenos pulmões Ao terminar, os soldados plaudiram frenèticamente, e começaram a gritar: «Viva a Gina!». Ela foi-se embora, e passou diante do cura, rodeado de crianças à porta da igreja.

— Bons dias, padre! — disse, sorridente.

Continuou o passeio. «O meu orgulho foi vingado», pensava, e de novo a música lhe acudiu aos lábios, desta vez muito baixo.

★

A guerra e o som das granadas começou a ouvir-se no povoado de Subiaco. As bombas arrazaram a pequena fábrica de vigas, a oficina do carpinteiro e as casitas que constituiam a fortuna dos Lollobrigida. A família teve que abandonar a carpintaria e seguir o êxodo para Umbria. Ali, refugiaram-se no castelo dos Orsini, em Todi, onde vivem uma miserável vida de refugiados. Em 1945, o casal Lollobrigida e as suas quatro filhas dirigem-se para Roma: Juliana, Gina, Maria e Fernanda. Toda a família é instalada numa só casa e alimentada pelo exército com pratos populares. É uma época terrível, em que eles não podiam ser uma excepção durante os horrores da guerra. Finalmente, Juliana e Maria conseguem um emprego como figurantes nos estúdios cinematográficos.

Gina também quer ser úti, e munindo-se de uma máquina fotografica, dedica-se a retratar uniformes aliados. Noutras ocasiões, em que a sorte lhe é mais propícia, faz-lhes caricaturas, que cobra por bom preço. Pouco a pouco ajuda seus pais e começa a juntar algum dinheiro.

— Papá: juntei algumas liras e queria matricular-me no Liceu Artístico de Roma. Tu agora já tens um bom emprego. Deixas-me? — pergunta Gina.

— Sim, filha, parece-me bem. Tu ajuda-nos, e se por outro lado podes continuar os teus estudos sentir-me-ei mais feliz. Também pensei que vai sendo tempo de nos mudarmos para uma casa mais cómoda. Que cadeiras vais estudar?

— Penso continuar com as aulas de canto e pintura...

Os Lollobrigida procuraram uma casa modesta com três quartos, e Gina voltou aos seus estudos. Tudo foi bem até que o professor de escultura se apaixonou por Gina; a sua perfeição física, os seus grandes olhos negros e a sua simpatia esfusiante seduziram-no. A situação tornou-se insuportável para a futura «vedeta; o professor não dissimulou o seu amor, e até chegou a fazer-lhe declarações em plena aula. Tinha apenas dezassete anos e já os homens dançavam enamorados à sua volta.



As cartas dos admiradores são às centenas, e, sempre que pode, Gina dispensa-lhes pessoalmente a mais simpática atenção.

Depois do professor de escultura segue um verdadeiro desfile de «ballet»: um rico comerciante pede a mão de Gina ao senhor Lollobrigida; um comandante de artilharia, guarnecido com um fino bigode e cheio de medalhas, declara-lhe o seu amor... Todos recebem a mesma resposta de Gina, que nem lhes dedica, sequer, a recordação de um pensamento. É que Gina tem outros projectos para o futuro. Vislumbra os seus ideais no mundo do cinema; mas tudo isto não passa dum sonho. Gina sabe-o, e em Roma deve viver de realidades.

Uma manhã, Gina vai a caminhar pela rua de Triton; um andar ligeiro e alegre. Uma sombra interpõe-se entre ela: é um senhor que lhe entrega um cartão de visita.

— Menina, se você desejar fazer cinema, passe por esta direcção: sou director de cinema, e posso pagar-lhe duas mil liras diárias.

Gina, surpreendida, não teve tempo de responder; o senhor já tinha desaparecido e a ela só lhe restava um cartão branco entre os dedos. Naquela noite, Gina pensou na estranha proposta; o mesmo fez na noite seguinte, e ainda na outra

noite... e passaram-se oito dias antes de se decidir. O desconhecido vivia num hotel. O senhor Lollobrigida avisou a filha:

— Gina, tem cautela; pode ser um vigarista. Vai com uma das tuas irmãs. Roma está cheia de Tenórios andantes.

Quando Gina falou com o desconhecido viu que não era um Don Juan qualquer, mas sim um produtor que percorria as ruas de Roma para descobrir novas «estrelas».

— A menina é muito bonita, e eu estou interessado em dar-lhe trabalho. Mas, de momento, não tenho outra coisa que dar-lhe senão um papel de odalisca em «O Águia Negra», que está a ser dirigido por Ricardo Freda.

— Quanto ganharei? — pergunta a decidida Gina.

— Mil liras por dia...

— Bom, não está a cumprir o que me prometeu há uma semana, mas aceito. Servir-me-á para pagar as lições de canto.

Trabalhou quatro dias e ganhou quatro mil liras. Junto dela trabalahava também outra odalisca, que mais tarde seria a famosa Ivonne Sanson.

Com «O Águia Negra», em que aparecia vestida provocantemente, inicia-se a primeita etapa da carreira cinematográfica de Gina Lollobrigida, em que interpreta ùnicamente papéis exibicionistas. Na mesma época, com o pseudónimo de «Gina Loris», pousa para a novela em fotografias «No fundo do coração», que alcança um grande êxito.



Episódio fotográfico que poderá intitular-se: «A beleza em luta com o vento...»

Num daqueles dias Gina conhece Bob, futebolista da equipa «Lazio», de Roma.

— Lollo — diz o amigo que a apresentou a Bob — não esqueças que

em Itália um bom futebolista equivale, em Espanha, a um bom toureiro...

— Eu nunca me enamorei dum



toureiro — diz Gina, que sente a mão aprisionada pela do desportista.

— Pois prepara-te para o fazeres por um futebolista, Gina — diz Bob. — Eu tenho atrás de mim uma corte de corações destroçados.

Gina sorri, e a sua mente começa a traçar um plano. Gina, no fundo, era uma sonhadora romântica, mas compreendia que por trás das palavras, meio em brincadeira, do futebolista, existia um pouco de vaidade mal dissimulada.

Continuaram os encontros de Bob e Gina com bastante frequência, e o homem sente-se atraído pela beleza dela, e acaba por confessar-lhe o seu amor.

Gina, satisfeita e vaidosa, aceita o futebolista. Parece que já esqueceu que a primeira impressão que recolheu do desportista foi achá-lo um pouco vaidoso. O par parece feliz, mas entre os dois começa a interpor-se algo. Bob teme que a beleza de Gina possa fazê-la tornar-se mais popular do que ele.

★

Trinta e um de Dezembro, festa de São Silvestre e «Reveillon» do fim do ano de 1946. Um grande salão, fatos faustosos, jóias, flores e balões de cores pelo ar. Gina e Bob foram convidados. Começam a dançar. Bob sente-se aborrecido naquela noite: Gina está lindíssima e todos os assistentes assim o declararam. Num ângulo do salão, perdido na penumbra, junto dum jarrão com cravos e gladiolos, uns olhos verdes seguem, pacientes, o constante ir e vir de Gina nos braços de Bob. Os olhos verdes vêem, de repente, que Gina pára, faz gestos vivos e nervosos, discute e, finalmente, abandona o salão de baile para desaparecer numa outra sala que conduz a

uma magnífica biblioteca. Os olhos verdes olham para Bob, que ainda não se mexera do mesmo lugar onde o deixara Gina. Depois, decide seguir a mulher. Encontra-a sentada num maple com as lágrimas nos olhos. O homem dos olhos verdes tira um lenço e passa-o suavemente pelas faces de Gina, em silêncio. Ela levanta os olhos e vê o homem que está inclinado para ela: é um homem novo, talvez vinte e seis anos, moreno, alto e de feições correctas; e tem, sobretudo, uns maravilhosos olhos verdes.

— Não quero que chore! Não vale a pena! — disse ele, lentamente, com um ligeiro sotaque estrangeiro. — E ainda não começou o Ano Novo.

— Quem é você? — perguntou Gina, realmente interessada.

— Chamo-me Milko Skofic, doutor em Medicina. Sou de origem austro-eslava, e desejo dançar consigo esta noite! — explicou ele, com voz cálida.

Gina estava surpreendida, mas os olhos de Milko atraíam-na. Deixou-se enlaçar nos braços dele, e começaram a dançar. Gina tranquiliza-se à medida que vai girando nos braços fortes do estrangeiro. Todo o pequeno mundo real que a rodeia vai desaparecendo à medida que ia volteando. Só recordava as palavras daquele desconhecido de sotaque estrangeiro: «...mais do que a tudo no mundo»... Gina levanta os olhos e olha-o. Sorri então abertamente, e já não vê outra coisa nem outra pessoa que não seja Milko.

— Obrigado por esse sorriso — diz ele. — É o mais bonito que tenho visto na minha vida. Jamais vi tão perto de mim criatura mais bela. Você parece um sonho, Gina. Um sonho de artista... Quereria que este baile fosse eterno.

Milko tinha falado muito baixinho, roçando com os seus lábios a face de Gina. Ela continuava calada, mas sentia-se comovida sem saber porquê. Num instante as luzes cintilantes desapareceram; ficou tudo na escuridão;- fez-se um silêncio momentâneo e ouviram-se as últimas sonoras badaladas de 1946. Milko escuta, também, a respiração palpitante da maravilhosa mulher, que tem junto dele; não pôde evitar um impulso, e procura os lábios que adivinha na escuridão. Gina não foge à carícia.

— Feliz Ano Novo, meu belo sonho! — diz Milko.

— Feliz Ano Novo, Milko! — responde Gina, num sussurro.

De novo se iluminou o grande salão. Há risos, beijos entre as pessoas, balões de cor, serpentinas e champanhe. E no ar uma palavra: «Auguri»! «Felicidades!».

Dançam toda a noite juntos, e a felicidade que paira no ar recolhem-na Gina e Milko com todas as honras, e fazem-na sua. Começa a amanhecer, e quando a última estrela desaparece do firmamento para ceder o lugar à primeira aurora do Ano Novo, Gina e Milko, enlaçados no meio do imenso salão, proclamam o seu noivado. Recebem alí as primeiras felicitações, mas eles mal o notam. Só sabem que a felicidade está a seu lado, que irradia deles, que personificam eles mesmos a estátua do amor. Gina olha para o homem moreno, que lhe sorri carinhosamente.

— Milko é maravilhoso! — diz, emocionada.





Duas imagens do filme «Trapézio», em que Lollobrigida contracenou com dois famosos galãs: Tony Curtis e Burt Lancaster.

— Todos os anos da nossa vida vão ser maravilhosos. Começaremos e acabaremos assim juntos.

Na manhã seguinte Gina, ao despertar, recorda-se de Milko, e sorri feliz. Escreve no seu diário: «1 de Janeiro de 1947. Ano Novo, noivo novo. Ontem conheci Milko, um rapaz moreno. Tem vinte e seis anos e é médico. Compreendemo-nos imediatamente. A mim não me parece disparate o que aconteceu: o encontro, o amor à primeira vista, e o noivado. O Destino parece que quis reunir-nos à força. Chama-se Milko Skofic, e tem uns irresistíveis olhos verdes».

Os papás de Gina recebem a notícia com alegria.

— Filha: eu desejo a tua felicidade, e sempre pensei que tu serias dada por um médico — fala o senhor Lollobrigida.

Milko escreve a seus pais, que residem na Yugoeslávia, e eles, por sua vez, pedem detalhes da mulher escolhida. «Sabe coser, lavar e cozinhar?». Milko mostra a carta a Gina. Ela olha-a, e responde:

— Querido: diz que sei arrumar uma casa perfeitamente, mas de costura não percebo absolutamente nada.

Gina aproxima-se dele e beija-o carinhosamente.

— ...e diz-lhe que te quero muito, Milko... — terminou.

Milko escreve de novo: «Gina canta e trabalha no cinema». Recebe em seguida um telegrama: «Formidável! Casem-se em seguida».

★

O mesmo ano de 1947, que tão bem começara para Gina, reservava-lhe outras gratas surpresas. Obteve o prémio de «Miss Roma», e depois consegue o título ainda mais alto, e que no ano anterior a rondara, mas que coubera a Lúcia Bosé por dois votos.

Gina é proclamada «Miss Itália». Começa para ela uma vida mais activa no cinema, embora sem qualquer categoria, a não ser a que lhe proporciona a sua grande beleza.



Muitos casais de Hollywood invejarão, certamente, a felicidade de Gina e Milko...

Trabalha mais no cinema, e nos estúdios aconselham-na a mudar de apelido, porque Lollobrigida nunca será popular. Gina é teimosa, e recusa toda a troca.

— Quero triunfar como Gina Lollobrigida, e hei-de consegui-lo. O meu apelido não será um obstáculo, pelo contrário.

E assim sucedeu, como vaticinara. Em França, os «chansoniers» foram os primeiros a dar popularidade ao apelido: chamavam-lhe «Lollo», diminuitivo com que os meninos designam o leite. E «Lollo» fez-se famosa.

Interpretou «Elisir d'Amore», com Mário Costa; «Follies peo l'opera». Seguiu-se «Payaso» e «Campanas». «Lollo» aparecia nestas películas como uma mulher perfeita.

Os jornais disseram das suas interpretações que Gina era a bela Ciociaria, em recordação daquela pitoresca região que a viu nascer. Gina não estava contente com o caminho que a sua carreira seguia, mas continuava no seu trabalho, disposta a ser actriz. O público não via mais nada do que a sua beleza, e no «plateau» não pagavam muito bem pelas suas exibições em roupas tão ligeiras. Gina continuava paciente. Mas Milko desconfiava. Ia já para dois anos que Gina tinha sido eleita

«Miss Itália» e, no entanto, ainda não surgira a grande oportunidade. Quando terminaram as filmagens de «Campanas», Milko quis levar a noiva a fazer «ski». Procurava afastá-la do mundo do cinema. Gina aceitou a ideia, e foram para Terminillo, lugar pitoresco e animado pelo optimismo são dos desportistas.

Gina sentia-se feliz em Terminillo, feliz como ainda não tinha sido desde aquela noite mágica em que conhecera Milko. Ali, ante a paisagem branco e azul que se estendia diante dela, desapareceram as câmaras, focos, directores e tudo que não fosse Milko, cheio de amor por ela. Naquela manhã o sol brilhava intenso, pondo reflexos dourados na neve. Gina e Milko tinham esquiado durante três horas. Depois, já acomodados num amplo cadeirão do refúgio, junto à lareira e com um «grog» quente nas mãos, sorriam felizes. Milko foi sentar-se no braço da cadeira de Gina, e disse quase numa súplica:

— Gina, casemo-nos agora, já esta manhã. Sem perda de tempo.

— Seria maravilhoso — comentou ela, sonhadora. — Regressar a Roma casados e não termos que nos separar nunca quando chegar a noite.

— Gina, não pensemos mais. Vamos casar.

— Sim, Milko, é o melhor. Esperei demasiado pela minha oportunidade. Não quero que a minha felicidade se desfaça na espera. Preciso de te sentir junto de mim, Milko. Tu és o mais maravilhoso da minha vida, e não quero perder-te. Amanhã iremos falar com o padre da ermida e pediremos que nos case imediatamente. Agora já eu anseio em ver-me unida a ti para toda a vida.

Milko acariciou-lhe os olhos, e ficaram durante bastante tempo em silêncio a contemplar o fogo, que lhes punha reflexos vermelhos nas faces num ritmo indeciso e vago. Outros pares dançavam perto deles sem o notarem, ensimesmados nos seus belos sonhos.

Dias depois, já formalizados todos os requisitos, despontou a manhã branca da sua união. Gina, ao acordar, sentia-se perdida, sem saber onde estava. Vestiu-se como em qualquer outro dia: calças de esquiadora, blusa vermelha de gola alta, botas e luvas. Quando apareceu na igreja e viu as luzes amarelas das velas não entendia bem o que lhe sucedia. Colocou-se junto do altar no lugar que lhe correspondia, perto de Milko. Os olhos de Gina fechavam-se à realidade; não via Milko nem o sacerdote; só um «plateau» desmesurado e o director maior do mundo em frente dela. Quando saíram da ermida, já unidos pelo sacramento, tinha-se formado um arco de honra pelos esquis, e por baixo dele passaram Gina e Milko para desaparecerem atrás de uma colina.

De regresso a Roma alugaram uma casita perto da Praça de Bolonha. Decorreu um ano, e Gina filmou seis películas, entre elas «Vida de cão». Milko perdia as esperanças, e falou com sua esposa:

— Gina, isto não pode continuar. Estas fitas nunca te darão a glória. Vais perdendo nelas as tuas ilusões, estão a jogar com a tua juventude, a tua vocação e a tua boa-fé.

— Querido: tens que ser mais paciente. Não podemos fazer outra coisa senão esperar.

— Sim, podemos, Gina. Abandonar todo este mundo de enganos e falsas promessas que te explora inìcuamente.

— E que faríamos, Milko? — pergunta ela, ingènuamente.

— Iamos para a América, Gina. Ali já posso exercer a minha profissão de médico, e o meu carinho ajudar-te-á a esquecer tudo isto.

— Esperamos um pouco mais, Milko. Só um pouco...

Foi naquele mesmo ano, 1950. Gina tinha filmado a película «Miss Itália», na qual se exibia em Bikini. Hiward Hughes tinha visto as fotografias da película, e enviou a Gina os bilhetes para empreender a viagem para a América.



Uma cena de «A Grande Ilusão», filme em que a célebre «vedeta» italiana teve Jean Claude Pascal como parceiro.

Gina viveu em Los Angeles numa jaula de oiro. O seu carácter latino sofria por isso, e ao fim de três semanas sentia tédio por todo aquele esplendor e faustuosidade em que a tinha envolvido Hughes. A sua única

ilusão eram as conversas que tinha todos os dias com Milko. Não tinha sido submetida a provas cinematográficas, não tinha visto outra pessoa que não fosse Hughes. Este, finalmente, propõe-lhe que se divorcie de Milko e se case com ele. Gina responde tomando o avião para Roma, e na sua simples casa da Praça de Bolonha recusa a proposta de Hughes sem qualquer excitação.

★

Seguem-se alguns meses trágicos, sem trabalho, e depois de três películas sem valor. Mais tarde, o produtor Peppino Amato, que considerava em Gina algumas possibilidades de actriz, chama-a para a produção italo-francesa «Fanfan la Tulipe», dirigida por Cristian Jaque. Gina trabalha junto de Gerard Philipe, e a sua incarnação de «Adela» foi um dos seus maiores êxitos. A França aclamou «Lollo» pela sua interpretação, e Gina tornou-se uma «estrela» não só popular mas também a favorita do público francês. René Clair deu-lhe outro papel em «O Vagabundo dos Sonhos». A interpretação de Gina nesse filme valeu-lhe o prémio «Victoria», que recebeu do Presdente Auriol. Em Itália, Blasetti filma com ela «Outros tempos», que a fez popular na sua pátria; em Espanha foi admirada em «A cidade defende-se», e na América alcançou êxito no filme «A espada e a mulher», com Errol Flynn. Tinha ganho a batalha.

Milko considerou que era o momento de se manterem firmes e de não claudicar.

— Gina — disse-lhe — agora tens de ser valente e pedir tu, exigir. Não deves interpretar «A Dama das Camélias». Demonstraste ser actriz; portanto, firma esse lugar. Alcançáste a popularidade, e já tens o teu público.

— Milko, será melhor seres tu a falar com eles; querem processar-me em duzentos milhões de liras se me recuso a fazer essa película. Tens razão, custou-me muito alcançar a posição que tenho e, portanto, quero assegurá-la. Já sabes que sou muito teimosa.

Gina olhou o seu marido e aproximou-se dele, carinhosa.

— Tu estás a meu lado para me ajudares a ser forte, querido. Confio mais em ti do que em mim mesma. És o meu anjo da guarda — acabou, acariciando a cabeça morena de Milko.

Gina não filmou «A Dama das Camélias» apesar das ameaças, e teve que ser substituída por Lucia Bosé. Tinha ganho um trunfo, mas isto não significava a paz. Vittorio de Sica tinha dito à imprensa inglesa: «As belezas italianas são tudo curvas — Lollobrigida, Pampanini, Mangano; mas as suas capaci-



Uma fotografia «histórica» para os dois jovens que tiveram a sorte de participar nela — e a indiscutível amabilidade de uma grande «estrela» para com os seus admiradores...

dades artísticas não podem competir com os seus meios físicos...». Gina, indignada, enviou uma carta aberta aos jornais de Londres: «O senhor de Sica, do alto da sua cátedra, sentencia que as curvas e as pernas da Mangano, da Pampanini e da que abaixo se assina, não correspondem devidamente aos seus dotes artísticos, o que admitindo que seja verdade, contrasta com as nossas interpretações e compromissos em curso,



Na sugestiva figura da cigana Esmeralda, em «Nossa Senhora de Paris», «Lollo» teve o género de personagem que melhor assenta ao seu temperamento artístico, e que a tornou famosa...

e as petições que às três nos chegam de todo o mundo por parte de directores de fama mundial». Vittorio de Sica desmentiu, em seguida, ter feito tais declarações. Meses mas tarde, Gina e De Sica interpretavam, juntos, «Pão, Amor e Fantasia». De Sica afirmou durante a rodagem: «Gina é valente».

Com «Pão, Amor e Fantasia», chegou a paz para De Sica e Gina, e a fama para ela.

A partir deste momento, Gina transmitiu aos estúdios que não interpretaria mais filmes com pouca roupa.

— Têm de ter em conta a minha condição de actriz — sentenciou, com energia.

Houve discussão de ambos os lados e, por fim, chegou-se a um acordo: que a «brava» beleza italiana recebesse, pelas suas exibições, o dobro do que recebia até ali.

Interpretou depois a «Provinciana», de Soldatti, que lhe valeu a «Grolla d'oro», pela melhor interpretação feminina de 1953. Com Zampa filmou «A Romana». Foi uma película em que Gina pôs o melhor dos seus dotes de artista; pôs nesta interpretação todas as esperanças para receber novamente a «Grolla d'oro». Foi aos festivais como uma menina, na esperança dum prémio, e não o obteve. Gina ficou decepcionada e triste.

— Vamos, querida. Todos reconhecem o valor do teu trabalho; não sejas ambiciosa.

— Milko: eu esparava isto com tanta ilusão!... — dizia Gina, chorando.

— Pequena, agora deves descansar.

Junto do par estava Apold, ministro da Argentina e grande admirador da «estrela» italiana.

— Queria testemunhar-lhe a minha admiração pela sua interpretação na «Romana», e desejaria que aceitasse o convite, em nome do meu Governo, de ser nossa hóspede na Argentina.

Gina sorriu outra vez, e Milko falou enquanto enxugava as lágrimas de sua mulher:

— Excelência: Minha mulher aceita o seu gentil convite, e no próximo Novembro empreenderá a viagem para Buenos-Aires, depois da Semana do Cinema Italiano, em Londres.

Em Londres foi apresentada à Rainha Isabel. Foi das poucas actrizes italianas a quem a rainha recebeu, e se pensarmos no carácter rigoroso e tradicionalista do protocolo inglês, pode medir-se todo o valor deste gesto.

★

Gina é, a partir deste momento, não só uma grande actriz, mas também uma mulher inteligente e distinta, que pode ir a todo o mundo inteiro como a melhor e mais deliciosa embaixatriz de Itália. Ali, onde se dirige, é recebida com o maior afecto e gentileza pelos ministros e pelas grandes multidões, que gritam por onde passa, portadora da sua simpatia, beleza e simplicidade: «Gina! Gina!». Nem os polícias, nem o trânsito pode deter as avalanches electrizadas que a aclamam. Gina chegou à Bienal de Veneza, e instantâneamente Veneza desperta da sua quietude. Todos os jornais, na manhã seguinte, manifestam o milagre, um golpezito com a varita mágica da simpatia de Gina, infundiu sobre a cidade flutuante um novo hálito de alegria. Em Buenos Aires, o presidente Péron recebeu-a na sua residência de verão, e é aclamada por milhares de pessoas: operários, burgueses, colegiais, universitários, que seguiam o seu carro, e ao chegar ao hotel, centenas de pessoas estavam debaixo das suas janelas gritando o seu nome.

A «estrela» recebe, assim, a consagração popular da sua arte, de forma total e incondicional. Depois, volta a Roma, para o seu lar da Via Ta-

naro, tranquilo, cómodo e alegre, onde ela pôs todo o carinho quando o montou a pouco e pouco. Encontra a casa cheia de flores, que lhe tinham enviado os seus admiradores italianos; alguns ramos são pequenos e humildes, e Gina acaricia-os, emocionada, porque adivinha que vêm de pessoas pobres que a admiram.

Um pequeno descanso, e depois de novo empreende viagem para os Estados Unidos. Eisenhower recebeu-a na Casa Branca. Quando saudou o presidente, disse-lhe:

— As minhas sinceras felicitações pelos seus sessenta e quatro anos. Creio ser fiel intérprete dos sentimentos do meu povo e da indústria cinematográfica do meu país.

Eisenhower acolheu-a com simplicidade e amabilidade:

— Aceito com muito gosto esta gentil embaixadora italiana, e quero expressar o meu contentamento por saber que a Itália prospera.

Gina estava emocionada. Ao sair da Casa Branca disse para Milko:

— Foi para mim uma grande honra. Todas as actrizes teriam desejado encontrar-se hoje no meu lugar.

— Querida: é a primeira vez que o presidente Eisenhower recebe oficialmente uma actriz estrangeira. — Milko acrescentou, com uma piscadela maliciosa: — Agora espera-te outra visita oficial: Marilyn Monroe.

— Ainda não ouvi outro nome desde que o avião poisou nos Estados Unidos. Sou a «Marilyn Monroe morena», dizia a imprensa esta manhã. Eu disse aos jornalistas que era absurdo fazerem tal comparação, porque nós somos totalmente diferentes. Como será, Milko? Gostaria que se passasse tudo bem depressa. Fazem-me ir para ela como se fosse destroná-la.

— Será num salão privado do cinema de Lexmgton Avenue. O director Willy Wilder, fará a apresentação.

Sucedeu como Milko dissera.

— Como está você? — foram as palavras de Gina.

Marilyn suspirou e seguiu-se um curto silêncio em que só se escutava o ir e vir dos fotógrafos. Depois, Marilyn falou.

— Você sabe que me chamam a Lollobrigida da América?

Foi uma apresentação violenta. Só estiveram juntas durante dez minutos. Gina tinha procurado ser simples e tranquila, com ar europeu de espontaneidade; sem pensar nos «flash», nem na publicidade; Marilyn foi mais afectada, como se recordasse a frase de Humphrey Bogart, que foi lançada aos quatro ventos: «Marilyn Monroe ao lado de Gina tem a graça inocente de Shirley Temple». Gina tinha convidado Marilyn.

— Veria com agrado que aceitasse o meu convite para assistir à estreia



A «vedeta» em acção! Durante as filmagens de «Trapézio», em Paris, Gina submete-se sorridentemente aos ensaios de luz, dirigidos pelo operador-chefe, que vemos na gravura.

do meu filme «Pão, Amor e Fantasia», no Paris Theatre.

No dia seguinte, antes de sair para o Paris Theatre, Gina escutou, através do telefone, a voz de Marilyn: «Sinto muito não poder assistir à estreia desta noite: estou desgostosíssima, mas tenho de regressar a Hollywood esta noite».

Gina despede-se de Nova Iorque. É uma doce despedida; ao subir para o avião soprou pétalas de rosas, que foram recolhidas e guardadas ciosamente pelos seus admiradores.

De regresso à Itália, Gina esperava outra surpresa: o alcaide daquele povoado tranquilo de Subiaco.

— Quereria que aceitasse a homenagem que desejamos dar-lhe — disse com timidez.

Gina sentiu-se comovida, e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas sem que pudesse evitá-lo. Olhou para Milko, e prometeu a sua comparência.

Em Subiaco foi um delírio, e para Gina uma evocação sentimental de toda a sua infância. Encontrou, de novo, o seu velho professor de canto: não o tinha voltado a ver desde que saíra de Subiaco. Ali estava Ferrucio feito num homem.



Duas imagens de «Nossa Senhora de Paris».





Nos papéis da cigana e do Quasimodo, Gina e Anthony Quinn conseguiram brilhantes interpretações, que não devem ficar abaixo das que, há anos, Maureen O'Hara e Charles Laughton nos ofereceram noutra versão de «Nossa Senhora de Paris».

— Gina, fizeste grande e popular o nosso povoado. Já não és aquela menina travessa que dançava a «Branca de Neve e os Sete Anões»...

— Continua com as aulas, professor? — pergunta Gina, emocionada.

— Sim, Gina. É a minha vocação, como a tua é o cinema. Vês estes meninos que te contemplam? São os meus alunos. Agora só tenho meninos, estou a ficar velho.

— O senhor é feliz a ensinar... — diz ela.

— Nem sempre, querida pequena. Olha esss dois pequenos que vês aí: são dois estudantes inteligentíssimos, mas muito pobres, e eu sofro ao ver que não podem continuar para diante por falta de meios.

— Eu desejaria que em Subiaco fossem felizes todos os seus habitantes. E quero que o senhor seja o primeiro. E a estes dois pequenos vou fazer-lhes a oferta de uma bolsa de estudo — diz Gina, sorridente.

— Mas, Gina, já fizeste muito por este povoado, e já ajudáste muitos necessitados...

— Estou firmemente decidida a isso, e é melhor que se faça como eu desejo.

— Na República Italiana só Subiaco merece ter uma rainha — sentenciou aquele mocetão chamado Ferrucio.

— Tenho sido recebida por presidentes das Repúblicas, por rainhas, mas nunca me senti tão feliz como agora, ao encontrar-me aqui em Subiaco, nas minhas montanhas da Ciociaria, entre vós, gente da minha casa...

Fala de novo o alcaide, anunciando a Gina os desejos do povo, que pensa erigir-lhe um monumento em Subiaco, para que ninguém possa esquecer jamais que Gina nasceu ali e ali passou pelas suas ruas cantando alegremente a «Casta Diva».



★

Gina está outra vez nos estúdios. Tem que filmar a segunda parte de «Pão, Amor Fantasia», que se intitula «Pão, Amor e

Ciúme», com os mesmos intérpretes. Com Burt Lancaster filma «Trapésio»; em Paris, «Kiki de Montparnasse», às ordens de Jean Renoir, na qual interpreta o papel de um modelo de pintores, desde Matisse a Braque.

— Foste escolhida não só pela tua beleza exterior — disse-lhe Milko — mas também porque consideram a tua personalidade autêntica e viva, e isto é o que procuram os pintores através dos seus modelos.

Gina continua no caminho do êxito e da fama, tranquila e alegre, simples e autêntica, sem mistificações, e junto dela está sempre Milko para infundir-lhe ânimo quando chega o desalento, quando parece que o trabalho vai ser superior às suas forças, quando se sente estreitada e enlaçada por milhares de pessoas, quando julga que à sua volta tudo gira e vai perder o equilíbrio. Então sente sobre a sua fronte a mão cálida de Milko, e sabe ser forte de novo. E sente-se feliz, também na sua casa da Via Tanaro, refúgio de paz e amor.

Estão os dois juntos, Gina e Milko, abraçados em silêncio, na intimidade duma salita, e chegam até eles as vozes alegres dos estudantes de Espanha que, ao som das guitarras, violinos e pandeiretas, vão rondar debaixo das suas janelas. Vêm oferecer a sua homenagem à linda Bersagliera de «Pão, Amor e Fantasia»:

«Abre a janela e o coração,
sempre que passa a ronda...
Para que estejas perto de mim,
descer-te-ei das estrelas...»







Gina prepara-se para um novo capítulo da sua vida...

Gina Lollobrigida vai ser mãe. Para o seu coração de mulher extremamente sensível, será a mais emocionante e adorável experiência que até agora viveu. E aguarda-a com um entusiasmo muito especial, com uma alegria indizível.

Sob as autorizadas indicações do marido, o Dr. Milko Skofic, a artista segue um regime de ginástica pré-natal, de que apresentamos algumas imagens.

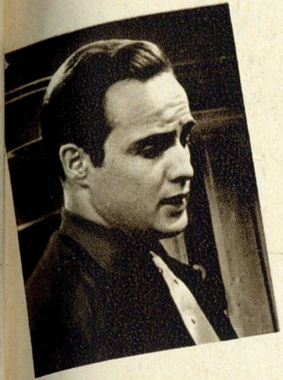




Uma iniciativa em marcha!

Atenção, admiradores de

MARLON BRANDO e JEFF GHANDLER

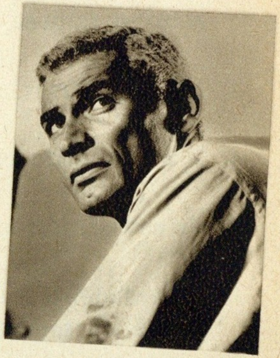


«Álbum dos Artistas», que se propõe apresentar as biografias completas e autênticas dos maiores ídolos do cinema, vai organizar, a partir já do próximo número, um sensacional concurso que representará uma oportunidade única para todos os leitores.

São inúmeros os jovens cinéfilos que tentam escrever aos seus artistas preferidos, expondo as razões da sua admiração, que em certos casos até, transcende, muitas vezes, a simples admiração platónica... Outros cinéfilos, descrentes quanto ao destino da sua correspondência, escrevem apenas para a... gaveta...

Pois bem! «Álbum dos Artistas, pretendendo registar, juntamente com as biografias dos principais «astros e «estrelas» do cinema, as opiniões dos seus admiradores portugueses de ambos os sexos, apresenta as bases de um concurso simples que interessa a todos os cinéfilos.

Trata-se, em primeiro lugar, leitor amigo, de escrever a vossa opinião sincera sobre os vossos artistas preferidos. Em segundo lugar, junte uma fotografia ao vosso depoimento. Depois, bastará guardar 3 ou 4 semanas — para ver nas páginas do «Álbum dos Artistas» a vossa fotografia acompanhada do texto que escreveu. Simples, não é verdade?



Desta forma, os vossos artistas preferidos receberão a agradável surpresa de conhecer, misturadas com as fotos que assinalam a sua vida privada e a sua vida artística, os retratos dos cinéfilos portugueses que lhes enviam também as suas opiniões sinceras e dasassombradas.

Os admiradores de JEFF CHANDLER e MARLON BRANDO devem escrever-nos sem demora, a fim de podermos incluir, nos números de «Álbum dos Artistas» que se publicam a seguir, as suas respostas a este sensacional concurso...

Nota importante: não se esqueçam das fotografias!



AVA GARDNER

UMA DAS MAIS BELAS VEDETAS DO CINEMA

no número 2 do

ÁLBUM DOS ARTISTAS

- Biografia ilustrada com revelações inéditas sobre a famosa «estrela»
- As suas atribulações amorosas
- O seu triunfo como artista
- Os seus fracassos sentimentais
- A verdadeira Ava Gardner, por detrás de uma Deusa da sedução







N. 1

PREÇO 2$0